



Obra *Botannica Tirannica*

Foto © Luciano Spinelli

## EXPOSIÇÃO

# “NATUREZAS DESVIANTES”, UMA POÉTICA CONTRACOLONIAL DE GISELLE BEIGUELMAN MARIA AMÉLIA BULHÕES – ABCA/RS

**RESUMO:** Análise da exposição “Naturezas Desviantes” de Giselle Beiguelman, apresentada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS, a partir de sua postura contracolonial, ao colocar em pauta o preconceito e o poder de dominação e ocultamento na área das ciências botânicas, dentro do projeto colonial europeu. Destaque ao uso de IA no complexo trabalho de pesquisa envolvido na produção das obras e sua posição crítica no manejo dessas tecnologias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência artificial; contracolonial; Giselle Beiguelman; MARGS; Naturezas Desviantes.

**ABSTRACT:** Analysis of the exhibition “Deviant Natures” by Giselle Beiguelman, presented at the Rio Grande do Sul Art Museum-MARGS, from its *contracolonial* perspective, addressing prejudice and the power of domination and concealment in the field of botanical sciences within the European colonial project. Emphasis is placed on the use of AI in the complex research work involved in the production of the works and her critical stance in the handling of these technologies.

**KEYWORDS:** Artificial intelligence; *contracolonial*; Giselle Beiguelman; MARGS; Deviant Natures.

Conheci o trabalho de Giselle Beiguelman nos anos 1990, quando, pesquisando sobre web arte<sup>1</sup>, me deparei com suas originais, criativas e precursoras propostas e tive a oportunidade de adentrar em sua trajetória em 2013, quando, como curadora, a convidei para participar da mostra de web arte na Bienal Internacional de Curitiba. Dali para a frente, continuei acompanhando sua prolixa, brilhante e comprometida produção artística. Mesmo conhecendo muito bem seu trabalho, ela ainda me surpreende, como no caso da excepcional exposição “Naturezas Desviantes” (2025), que ocupou todo o primeiro andar do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS, em um total de 512 metros quadrados.

“Naturezas Desviantes” engloba três grandes obras da artista, duas delas já apresentadas no Brasil e no exterior desde 2022 (*Botannica Tirannica* e *Venenosas, Nocivas e Suspeitas*), incorporando a inédita *Beleza Corrosiva*, de 2025. Integradas em um grande projeto, harmonicamente estruturado, juntas elas estabelecem um diálogo que evidencia o

comprometimento estético, político e inovador da artista com o nosso tempo e com as grandes questões da contemporaneidade. O fato de ser filha de um renomado pesquisador botânico está sem dúvida na raiz destes trabalhos, assim como das metodologias adotadas no enfrentamento de problemas fundamentais, ligadas a esta área das ciências da natureza.

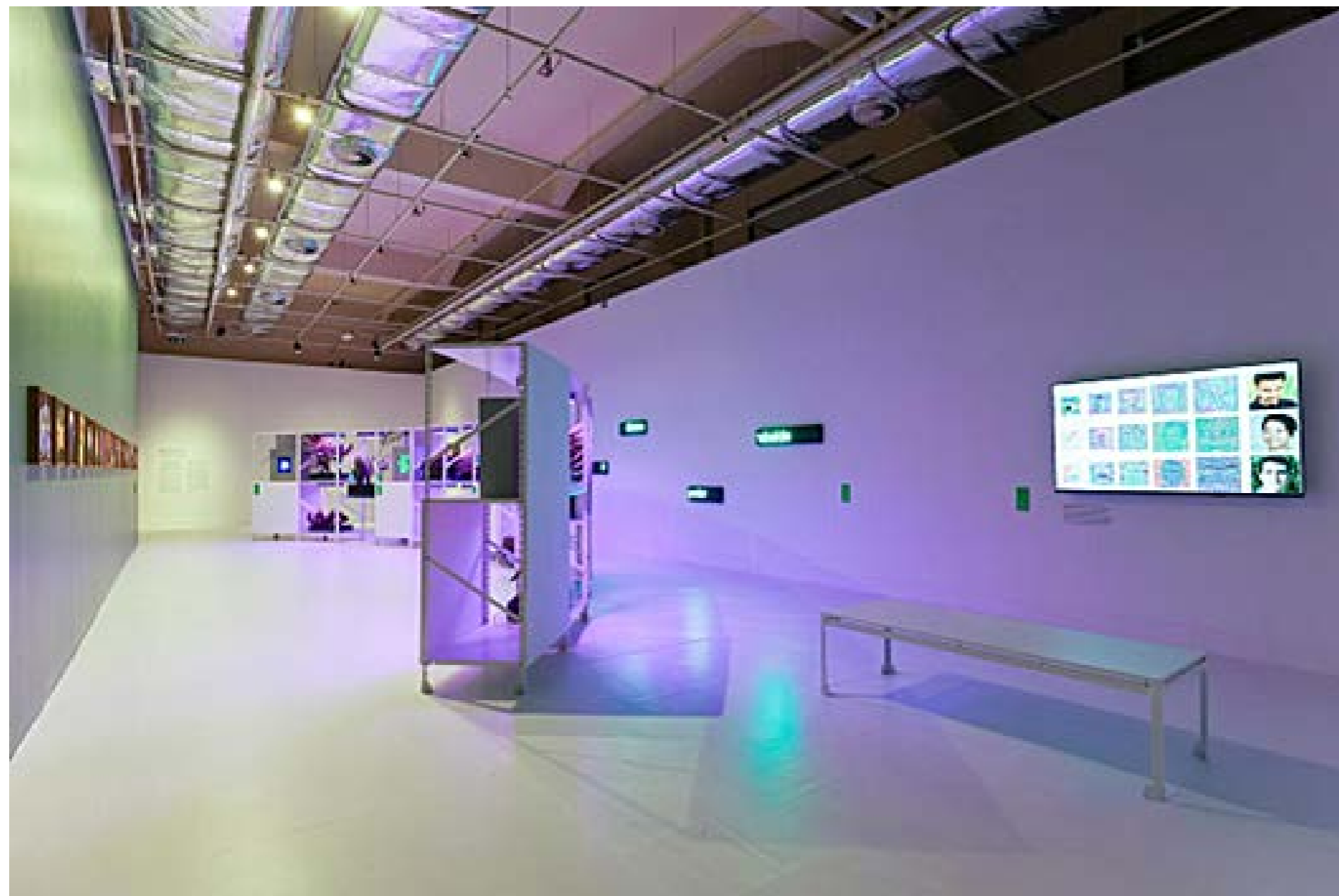
### BOTANNICA TIRANNICA

Nesta obra, a artista coloca o foco na forma de nomear espécimes e no poder discriminador e dominador deste ato, que reitera e normaliza preconceitos, revisando de forma exaustiva nomenclaturas ofensivas, preconceituosas, misóginas, orientalistas, homofóbicas, imperialistas ou etaristas. Ela evidencia como o senso comum e a ciência vêm tratando nomes de plantas, tais como *Maria sem vergonha*, *Judeu errante*, *Catinga de mulata* e muitos outros. Na sua obra, a artista traz o resultado de sua extensa pesquisa, apresentando imagens híbridas, onde ela recria, por meio de impressões, imagens programadas pela artista com uso de IA, um universo

vegetal imaginário que se rebela contra esses processos culturais difamatórios. Frases escritas nas paredes (“Toda erva daninha é um ser rebelde”, “A nomenclatura é um ritual de apagamento”, “A taxonomia é uma tecnologia de poder”, “Mais clorofila, menos cloroquina”, “E o que fica fora do padrão?”) nos conduzem pelos pensamentos da artista no desenvolvimento de seu projeto. Um videoensaio (*Uma Genealogia do Preconceito*) é uma peça central desta obra, uma vez que nos conduz de forma poética e criativa pelas pesquisas da artista e sua interrogação sobre uma possível atual “eugenia maquínica” desenvolvida através de sistemas de padronização algorítmicos. Para contrastar com essa abordagem tecnológica, Beiguelman dispõe na sala um conjunto de espécimes naturais vivos, que demandam um outro olhar, permitindo que vivamos de forma intensa dicotomias entre imposições e rebeldias, formas reais e imaginação, brindando-nos com possibilidades poéticas de “ser” de outra forma.



Obra *Botannica Tirannica* - Foto © Luciano Spinelli

Obra *Botannica Tirannica* - Foto © Luciano Spinelli

## VENENOSAS, NOCIVAS E SUSPEITAS

Aqui a artista parte do título de um manual científico do século XIX, de Anne Pratt, para explorar as relações entre plantas que, ao longo da história ocidental, foram perseguidas, discriminadas, ocultadas e condenadas pela ciência e pela medicina, associando-as a mulheres que igualmente foram objeto da misoginia, por seus saberes, ações curativas e estudos botânicos. Através de um amplo levantamento de espécies tradicionalmente abordadas de forma suspeita e consideradas perigosas e venenosas (cogumelos, mandrágora, maçã, beladonas, cannabis, papoulas, carnívoras), ela relaciona-as, investigando a vida e a obra de mulheres que lidam com plantas, praticantes de medicina popular, curandeiras, que ao longo dos tempos foram condenadas ou tiveram seus nomes apagados da história oficial. Ao reconstruir de forma fabulada, com ajuda da IA, plantas e rostos de mulheres que ficaram à margem da ciência estabelecida, ela propõe uma nova

leitura dessa história. Impactam no espectador a força e a beleza dos rostos dessas mulheres (que a artista procurou representar em suas idades de falecimento, portanto não tão jovens) assim como dessas plantas que trazem consigo uma aura de mistério, sedução e perigo.

Paralelamente, a artista construiu, com espécimes vivos e inventados, e *Quintal das Plantas que se Bifurcam*, onde celebra o protagonismo das mulheres nas relações com as plantas, tão ocultadas e desdenhadas, ontem e ainda hoje. Nesta obra Beiguelman articula ainda ciência e arte, uma

Obra *Venenosas, Nocivas e Suspeitas* - Foto © Luciano Spinelli



Obra *Venenosas, Nocivas e Suspeitas* - Foto © Luciano Spinelli



Obra *Venenosas, Nocivas e Suspeitas* - Foto © Luciano Spinelli

vez que muitas dessas mulheres foram, além de pesquisadoras, criativas e brilhantes ilustradoras botânicas.

## BELEZA CONVULSIVA

Esta é a obra mais recente e inédita da exposição, que apresenta uma videoinstalação *in progress*, que vai se modificando com a participação do público que vai operar sua amplificação com a entrega de seus descartes tecnológicos. Na parede principal da sala do MARGS, um vídeo de grande dimensão apresenta pequenas sementes germinando em meio a um aterro de lixo tecnológico, em uma imagem de esperança de vida. O negro e o cinza predominantes nas imagens dos aparelhos contrastam de forma impactante com o frágil verde da pequena planta que vai emergindo entre eles. Frente a essa imagem em grande escala e em movimento sutil estão colocados os descartes que vão sendo doados, construindo uma presença física dessa ameaça ao planeta. Ao mesmo tempo assustadora e esperançosa, a obra alerta para a importância

de nossa participação no futuro do planeta. Giselle Beiguelman contou, aqui, com a parceria do artista Leo Caobelli, com o qual ela mantém uma rica interlocução há mais de uma década. Caobelli foi responsável pela organização da pilha de dejetos

digitais que acompanha o vídeo, por intervenções performáticas na obra ao longo do tempo da exposição e pelo ensaio visual de *Beleza Corrosiva*, presente no catálogo da exposição.

As três obras por mim descritas têm forte impacto visual, articulando-se



Obra *Beleza Corrosiva* - Foto © Luciano Spinelli



Obra *Beleza Corrosiva* - Foto © Luciano Spinelli

de forma totalmente integrada, que levam o espectador a uma imersão total no universo da botânica e no controle e na dominação inscritos nesta área da ciência (como aliás também ocorre em outras áreas do conhecimento). Completando a exposição temos um precioso livro/catálogo, onde podem ser encontrados textos do curador desta exposição, Eder Chiodetto, da curadora da exposição *Botannica Tirannica*, no Museu Judaico de São Paulo, em 2022, Ilana Feldman, e inúmeros outros pequenos textos que nos esclarecem os conceitos e procedimentos adotados pela artista no desenvolvimento de seu projeto. Ricamente ilustrado, constitui um magnífico material documental e pedagógico.

## APOSTANDO NO CONTRACOLONIAL

Giselle Beiguelman, ao longo de sua trajetória, tem se assumido como uma artista ativista no sentido que Boris Groys aponta<sup>2</sup>: “os artistas ativistas querem ser úteis, mudar o mundo, tornar o mundo um lugar melhor - mas, ao mesmo tempo, eles não querem

deixar de ser artistas” (GROYS, 2017, p. 206). Sem abrir mão de uma poética esteticamente consolidada, ela pauta temas relevantes nos debates contemporâneos contracoloniais<sup>3</sup>, focando nas nomeações, no ocultamento e nas manipulações ideológicas. Para realização de seus trabalhos, a artista realiza uma negociação intensa, cuidadosa e delicada com plataformas de Inteligência Artificial, lidando com um imenso conjunto de metadados, com os quais vai explorar as problemáticas com que se enfrenta: preconceitos, ocultamento de minorias e lixo digital. Cada resultado dessas manipulações evidencia um tratamento conceitual, desenvolvido com profunda e exaustiva pesquisa, usando a tecnologia de forma instrumental, sem abandonar sua criatividade e sua poética. Uma obra que se impõe negando veementemente especulações sobre possíveis superações do humano sobre a máquina.

Além disso, seu trabalho articula-se no contexto de uma *ecologia decolonial*, que, nas palavras de

Ferdinand Malcolm (2022), rompem com a dupla fratura que separa as questões ecológicas do debate decolonial, expondo a exploração, a desvalorização e a invisibilidade das minorias étnicas e de gênero. Segundo o autor, as análises do Antropoceno branco apagam o fato colonial (histórico e atual), fator importante na compreensão das crises ambientais. Assim, temos que enfrentar uma dupla fratura que permeia o pensamento ocidental, separando os debates decoloniais dos ambientais. Com essa separação deixamos de perceber o quanto essas duas questões estão interarticuladas, uma vez que a maioria das crises ambientais e sanitárias decorre da exploração predatória da natureza e dos seres humanos perpetrada pelo regime expansionista colonial capitalista. Assim, Beiguelman, com seu trabalho artístico que articula os dois debates, participa da ideia de uma ecologia decolonial como caminho comum.

A obra de Beiguelman nos faz pensar que “a arte existe para nos lembrar uma, duas, três e tantas

outras vezes que, assim como ela mesma, somos potência e, como tal, nada nos define ou esgota. Que, assim como a arte, que jamais cessa de se inventar, também somos nós. Que, assim como nós, a arte é um devir-revolta” (JORDÃO, 2025, p. 33). Atuando sob diferentes perspectivas, seja estética, conceitual ou crítica, por seu complexo trabalho em termos de abordagens e uso dos meios, pela excepcional e sedutora visualidade, esta mostra é um ‘devir-revolta’ que merece ser considerada um marco na história da arte brasileira atual.

## NOTAS

1 Os trabalhos de web/net arte se caracterizam por serem criados especificamente com os recursos da internet, existirem, total ou fundamentalmente, *on-line* e serem realizados a partir de programas de composição de páginas na *World Wide Web*, reunindo diferentes recursos, combinando mídias estáticas (textos, gráficos, fotografias) com mídias dinâmicas (animação, áudio, vídeo) (BULHÕES, 2011).

2 “Os artistas ativistas querem ser úteis, mudar o mundo, tornar o mundo um lugar melhor – mas, ao mesmo tempo, eles não querem deixar de ser artistas” (GROYS, 2017, p. 206).

3 Utilizo o termo contracolonial no sentido que lhe dá Nego Bispo: “A primeira coisa que os colonialistas fazem é nominar lugares, pessoas, gestos. E aí eu percebi que a gente precisava ter uma guerra das denominações. Compreendi que a grande causa das maiores mazelas que nós temos no mundo hoje é o colonialismo. Se você tem um veneno, você precisa ter o antídoto – o contracolonialismo!”.

<https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>

## REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. *Naturezas Desviantes*. São Paulo: Afluente, 2025.

BISPO, Antonio dos Santos. *O que é o contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial?* Instituto Claro, 21 de março de 2023. <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contra-colonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>

BULHÕES, Maria Amelia. *Desafios: arte e internet no Brasil*. Porto Alegre, Zouk, 2022.

FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial*. São Paulo, UBU, 2022

FRASER, Nancy. *O velho está morrendo e o novo não pode nascer*. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

GROYS, Boris. *Na mira da teoria e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zazie Edições Copenhague, 2021, v. 2.

JORDÃO, Fabrícia. *Arte contemporânea, virada decolonial e neoliberalismo progressista*. São Paulo: ARS, USP, v. 23, 2025. [https://revistas.usp.br/ars/pt\\_BR/article/view/233378](https://revistas.usp.br/ars/pt_BR/article/view/233378)

## MARIA AMÉLIA BULHÕES

Doutora pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado nas Universidades de Paris I, Sorbonne e Universidade Politécnica de Valencia. Atua como professora e orientadora do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UFRGS, como pesquisadora e como crítica de arte. O foco de seu trabalho é o sistema da arte contemporânea, com ênfase nas relações desta produção com a internet. Organizou diversos livros e colabora regularmente com artigos em periódicos nacionais e internacionais. Seus últimos livros foram: *Desafios: arte e internet no Brasil* (2022). *Arte Contemporânea no Brasil* (2019), *As novas regras do jogo: o sistema da arte no Brasil* (2014) e *Web arte e Poéticas do território* (2011). Sua produção reflexiva pode ser acessada no site <http://www.ufrgs.br/artereflexoes/site/>